

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUANA MARIA AGOSTINHO DE SOUSA

CUIDANDO DE QUEM CUIDA: Saúde mental de mães de filhos autistas sem rede de apoio

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

LUANA MARIA AGOSTINHO DE SOUSA

CUIDANDO DE QUEM CUIDA: Saúde mental de mães de filhos autistas sem rede de apoio

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

LUANA MARIA AGOSTINHO DE SOUSA

CUIDANDO DE QUEM CUIDA: Saúde mental de mães de filhos autistas sem rede de apoio

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 06/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador:PROFA. ME. LARISSA MARIA LINARD RAMALHO

Membro: PROFA. ME. MOEMA ALVES MACEDO

Membro: PROF. ME. TIAGO DEIVIDY BENTO SERAFIM

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

CUIDANDO DE QUEM CUIDA: Saúde mental de mães de filhos autistas sem rede de apoio

Luana Maria Agostinho de Sousa¹

Larissa Maria Linard Ramalho²

RESUMO

Buscando compreender como a ausência de uma rede de apoio, pode causar consequências na saúde mental de mães solo, que tem em seu seio familiar crianças, que possuem o espectro autista, onde através da pesquisa bibliográfica, é possível encontrar reunidas essas consequências e como elas ocorrem, o estudo busca diferenciar a função materna, conhecida como maternagem, de maternidade, além de compreender as reais consequências que uma mãe pode ter, tendo ou não uma rede de apoio, além de apresentar a importância da rede de apoio aliada ao autocuidado psicológico dessa mãe. Tendo em vista que a mulher ao se tornar mãe, acaba por renunciar hábitos que possuía antes da maternidade, colocando em foco o bem estar do filho, construindo a função materna chamada de maternagem. Quando ocorre o diagnóstico de autismo no filho, em seus diferentes graus e características, esta mãe, buscando um maior cuidado e procurando uma melhor qualidade de vida para o filho, acaba por abdicar do seu próprio bem estar, em prol da criança, de forma que existe uma sobrecarga, que pode ser gerada através desta renúncia ainda mais acentuada, podendo causar prejuízos em sua saúde física e mental.

Palavras-chave: Psicologia do Desenvolvimento. Mães de Autistas. Maternagem. Rede de apoio. Maternidade.

ABSTRACT

Seeking to understand how the absence of a support network can have consequences on the mental health of single mothers who have children in their family who have the autistic spectrum, where through bibliographical research, it is possible to find these consequences together and how they occur, the study seeks to differentiate the maternal function, known as mothering, from motherhood, in addition to understanding the real consequences that a mother can have, whether or not she has a support network, in addition to presenting the importance of the support network combined with the psychological self-care of this mother. Considering that when a woman becomes a mother, she ends up giving up habits she had before motherhood, focusing on the well-being of the child, building the maternal function called mothering. When the diagnosis of autism occurs in the child, in its different degrees and characteristics, this mother, seeking greater care and looking for a better quality of life for the child, ends up giving up her own well-being, in favor of the child, in a way that there is an overload, which can be generated through this renunciation even more accentuated, which can cause damage to their physical and mental health.

Keywords: Developmental Psychology. Autistic Mothers. Maternity. Support network. Maternity. Keywords: Developmental Psychology. Autistic Mothers. Maternity. Support network. Maternity.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: lmalheiro40@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: larissaramalho@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Maluf e Kahhale (2010) casar ou permanecer solteira, ter ou não ter filhos, abraçar uma profissão, são opções que não mais implica escolher entre liberdade e sujeição, pois a mulher contemporânea cogita inventar o próprio destino de acordo com suas necessidades internas. Apesar dessa amplitude de opções que a mulher contemporânea detém, historicamente, para a sociedade o papel feminino é legitimado através da maternidade. Para De Sousa (2016) percebe-se que as mulheres se apropriam de alguns estereótipos, principalmente aqueles que são considerados naturais por serem biológicos, mas que são representados por determinações sociais. A maternidade, nesse sentido, é considerada natural de toda mulher, embora o cuidar seja construído socialmente.

O sofrimento da mulher ao tornar-se mãe, pode surgir desde o momento no qual entende-se como algo determinado socialmente, onde o valor da mulher será atribuído a gestar e criar o filho, sendo este filho, considerado com um desenvolvimento saudável vinculado a ser uma criança com boa educação, de acordo com Mendes, Venosa (2021) com todas as especificidades que estejam fomentadas a esse contexto, valoriza, ela própria, a imagem da mãe que se entrega por inteiro, somando tarefas maternas diversas à jornada de trabalho formal e não desejando ser dissociada desse lugar, uma vez que, não adequar-se à “boa mãe”, uma mãe que “de tudo dá conta” é, pela lógica dos discursos dominantes, um desvio.

É percebido que além de toda a jornada que a mulher passa ainda existe o peso do “ser boa mãe”, podendo agravar-se quando essa maternidade se desenvolve com uma criança que possui TEA (Transtorno do Espectro Autista), visto que, perceber as particularidades durante o desenvolvimento da criança com autismo requerem uma maior atenção no cuidado e desenvolvimento da criança, para Maia Filho (2016) ao se deparar com o nascimento de um indivíduo com problemas de desenvolvimento, ou após um diagnóstico preciso de um profissional, a família apresenta dificuldades em lidar com este tipo de situação, podendo desenvolver posturas e atitudes inadequadas que não contribuirão para o desenvolvimento da criança nem trarão equilíbrio da dinâmica familiar.

A partir deste ponto entende-se que é preciso um acompanhamento de toda a família durante o desenvolvimento da criança com autismo, construindo uma rede de apoio que contribua diretamente para esse desenvolvimento, tendo em vista que o vínculo principal

encontra-se na mãe da criança, onde muitas vezes é depositado na mesma a total responsabilidade sobre a vida da criança.

Percebendo essa jornada cotidiana que as mães vivenciam, principalmente com o sofrimento construído pelo fato de muitas vezes não ter uma rede de apoio, essa constante busca ao “dar de conta” sozinha, pode trazer consequências emocionais existindo a probabilidade de serem adoecedoras para as mães, o presente trabalho busca compreender os reflexos na saúde mental das mães, com filhos autistas, aliada a falta da rede de apoio, que se faz necessária para contribuir durante o desenvolvimento da criança com autismo.

Com o intuito da construção deste trabalho, terá como objetivo salientar as consequências da ausência da rede de apoio que podem influenciar na saúde mental de mães com filhos autistas, norteando o trabalho por meio dos objetivos específicos que procuram conceituar as diferenças entre função materna e maternidade, compreendendo a relação entre a falta de apoio e as consequências na saúde mental, por fim apresentar a importância da rede de apoio aliada aos cuidados na saúde mental materna.

De forma a proporcionar um olhar da psicologia direcionado ao cuidado psicológico, daquela que sempre está disposta a cuidar, muitas vezes abdicando de si mesma, proporcionando tanto para profissionais da psicologia, quanto para mães com filhos atípicos, trazendo uma compreensão do cuidado materno e a valorização da rede de apoio, permitindo a rede de apoio a presença desde o crescimento da mulher tornando-se mãe, quanto também no desenvolvimento da criança.

2 METODOLOGIA

Este trabalho tem como método a pesquisa bibliográfica, utilizando a abordagem qualitativa, baseando-se na pesquisa por estudos com temas, relacionados ao contexto do presente artigo, que já foram publicados, de forma que torna-se fundamental ao pesquisador apropriar-se no domínio da leitura do conhecimento e sistematizar todo o material que está sendo analisado (DE SOUSA; DE OLIVEIRA, 2021).

A pesquisa se dá de forma exploratória através da busca vinculada à leitura e aprofundamento de artigos e livros que discutem e refletem sobre os temas: “maternidade”, “maternagem”, “mães de filhos autistas”, “rede de apoio a mães de autistas”, “saúde mental de mães de autistas”, para Munaretto, Corrêa e Da Cunha (2013) na pesquisa exploratória, busca-se conhecer, mais profundamente, o tema abordado, de modo a torná-lo mais claro.

Através da leitura informativa o levantamento bibliográfico foi realizado por meio de buscas nos sites de pesquisas acadêmicas: Scientific Electronic Library Online (SciELO); Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVSPsi) e Google Acadêmico, foram pesquisados artigos publicados nos últimos anos, colocando em ênfase artigos mais recentes, porém com uma amplitude para pesquisas de anos anteriores, permitindo assim uma percepção atual das discussões dos autores frente aos temas relacionados, durante todo o estudo e desenvolvimento do trabalho.

3 A MATERNAGEM A FUNÇÃO MATERNA

Para Santos (2016) o termo gênero foi, desde seus primeiros usos no país, tomado nos estudos acadêmicos como uma categoria central para a análise crítica das desigualdades que marcam as experiências das mulheres em situações diversas, desde a infância, a construção do papel feminino incentiva a menina ainda pequena a desejar ser mãe, produzindo uma quantidade majoritária de mulheres que almejam realizar esse desejo.

Entretanto na atualidade percebe-se uma abertura nos papéis femininos nos quais a mulher se vê em uma abrangência de opções relativas a como designar a sua vivência, para Garcia e Viecili (2018) existe maior liberdade, aceitação social e até estímulo para que a mulher assuma novos papéis, dentre eles o do trabalho formal, mas ainda cobra-se que ela desempenhe os papéis arraigados no imaginário social de mantenedora do lar, esposa e mãe.

Dentre tantas funções apresentadas para a mulher, de acordo com Smeha e César (2011) é trazida a maternidade como um comportamento social que transcende o aspecto biológico e se ajusta a um determinado contexto sócio-histórico, assim percebe-se a maternidade enquanto algo além do fator referente a gerar um filho, estando ela na função materna, conhecida como maternagem, para Machado, Penna e Caleiro (2020) entende-se por maternagem a relação que não é condicionada ao aspecto biológico da maternidade, e sim ao afeto e desejo de cuidar. Percebendo esse desejo do cuidado, além do fator biológico feminino, estando no fato de desejar e cuidar.

Apesar desse fator, voltando-se para a questão do feminino ainda sobre o assunto Machado, Penna e Caleiro(2020) relatam que quando a maternidade se torna uma escolha, e não apenas uma questão da natureza feminina, transforma a identidade da mulher, além de propiciar o rompimento com os valores sociais construídos historicamente, sobre essa escolha cultural do cuidado e do afeto criada historicamente ressalta Braga (2005) como imagens culturais dos sentimentos maternos, temos o ícone ideal da mãe boa, que se dedica

integralmente aos filhos, renunciando ao ser mulher, encarregando-se da educação, sustentação e desenvolvimento dos filhos, em busca de uma posição social.

Para Gradohl, Osis, Makuc (2014) a maternidade é tradicionalmente permeada pela relação consanguínea entre mãe e filho, a maternagem é estabelecida no vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho por quem cuida. Desse modo é perceptível que a maternidade e a maternagem estão atreladas, onde em uma encontra-se o fator biológico, enquanto no outro está o valor emocional.

É possível compreender que a função materna vai além da perspectiva da relação sanguínea entre uma mulher e uma criança que estiveram ligados durante o período gestacional, sendo uma ligação que pretende durar por toda a vida dos indivíduos envolvidos nessa relação. Ao discorrer sobre essa importante ligação, relata Freitag, Milbrath e Motta(2020) a mulher como um ser temporal, projeta em seu imaginário o futuro que pretende vivenciar no decorrer de sua existência.

Durante a gestação, é planejado o futuro, nesse caso, como será o filho que deseja ter, criando em seu imaginário as características físicas e psicológicas desse novo ser, ou seja, muito antes de ser mãe e vivenciar a maternidade aliada a maternagem, a mulher torna-se mãe. No contexto histórico no qual foi elaborado o ideal de mulher-mãe, a maternidade era condição indispensável para que a mulher estruturasse sua identidade feminina e se reconhecesse como ‘normal’(MACHADO; PENNA; CALEIRO, 2020).

Para uma melhor compreensão no que difere a maternidade da maternagem, sobre a concepção de maternagem, associado ao tornar-se mãe e como ela se desenvolve, primeiro é necessário conhecer como se desenvolveu a maternidade. Em seus estudos sobre maternagem para os autores Stellin, Monteiro, Albuquerque e Marques (2011) a mãe que protege os filhos, dedica-se a eles e a família em exclusivo, assim passou-se a ser atribuída à mulher a função de ser a cuidadora em tempo integral da sua prole.

De acordo com Graadohl, Osis e Makuc (2014) o cuidado da mulher com os filhos não se restringiria apenas ao atendimento das necessidades básicas do bebê, mas também a uma disponibilidade psíquica, a qual passa a ser denominada maternagem, a mesma se dá como a função que cabe a mãe realizar desde antes do desenvolvimento do bebê na gestação, existindo a partir da motivação do desejo do ser mãe, em que há uma expectativa construída, de forma a ser alinhada com o que é criado historicamente, a mãe cuidadora, com filhos saudáveis, através desta perspectiva percebe-se que essa expectativa pode ser frustrada, pelo fato da mãe não sentir que conseguiu atingir, tanto pelo fato do não reconhecimento social

como boa mãe quanto pelo filho de não apresentar após o nascimento as características imaginadas.

4 DESCOBRINDO-SE MÃE ATÍPICA

Para Andrade (2015) Durante a gestação os pais constroem a imagem do seu bebê: um bebê saudável, perfeito e bonito, entende-se por ser o filho idealizado e sonhado ou fantasiado, é construído assim, o desejo da mãe em relação a como o filho será, desde a as características físicas às características na sua personalidade, esse desejo acaba também sendo ressignificado através das pessoas que também, estão aliadas a mãe, durante a expectativa de uma gravidez, como também a espera durante a gestação.

De acordo com Heuser (2016) antes de nascer, a criança já será falada, pensada, imaginada, desejada, ao falarem sobre este filho, os pais o incluem nas suas histórias de vida, iniciando, desse modo, a fundação de uma nova história, que tem início com a presença imaginada do bebê. Segundo Zorning (2010) a pré-história da criança se inicia na história individual de cada um dos cuidadores; o desejo de ter um filho reatualiza as fantasias de sua própria infância e do tipo de cuidado parental que puderam ter, provocando assim esse desejo, incentivando o imaginário de que o seu filho será perfeito, em todas as suas características almejadas.

Porém após o nascimento da criança, assim como relata Andrade (2015) mesmo que o bebê nasça com saúde, há características que podem não corresponder ao desejado pelos pais: o bebê real pode não ser do sexo desejado, pode ter os olhos castanhos e não azuis, e pode ser mais agitado do que o esperado, os pais ao perceberem as diferenças de forma expressiva daquilo que esperavam, iniciam um processo de reconstrução de tudo aquilo que foi idealizado anteriormente e que, precisa-se a partir de então passar a enxergar o real, a forma concreta do filho, seus aspectos próprios e não aqueles tão bem idealizados (LIMA, 2021).

Tratando-se de uma criança com Transtorno do espectro autista (TEA), de acordo com o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5, 2014) dependendo o grau apresentado na criança, o transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, podendo ser diagnosticado, dependendo do caso, de forma mais precoce ou de mais tardia, o

diagnóstico de autismo requer análise cuidadosa nas avaliações de linguagem e neuropsicológicas e exames complementares (BERNARDI; KIRSTEN; TRINDADE, 2012)

Entendendo as complexidades para os responsáveis pela criança a partir o diagnóstico associada a frustração com a descoberta da atipicidade do filho, para Favero-Nunes e Santos (2010) a condição especial da criança requer que os pais encarem o luto pelo filho idealizado e providenciem formas de ajustamento a esta realidade, esse processo de reconstrução do ideal, com base no real, acaba sendo mais delicado, pois aliado a superação do luto pelo filho idealizado, existe uma extensa etapa de cuidados e acompanhamentos profissionais, de forma a tornar-se essenciais para a contribuição direta no desenvolvimento da criança, encontrando nesta nova realidade o fator referente ao foco único e principal no desenvolvimento da criança e nas buscas de uma melhora das dificuldades apresentadas pela criança.

De acordo com Nogueira e Rio (2011) podem ser acrescidas dificuldades, alterações e necessidades a serem sentidas pela família, que tem, no seu núcleo, crianças com autismo e estas conduzem a um conjunto de vivências, que irão afetar a família em geral, tanto positiva como negativamente. Assim como a criança com autismo, é influência na dinâmica da realidade familiar, a família também influencia diretamente no desenvolvimento da criança, de forma que dependendo do movimento familiar, se torna mais fácil ou mais difícil esse desenvolvimento, pertencendo a mãe a principal responsabilidade sobre esta criança.

Como enfatizam Da Silva e Ribeiro(2012) a mãe é frequentemente, a principal responsável pelos filhos, no caso de uma criança autista, o envolvimento com as tarefas diárias e com o tratamento, pode gerar sobrecarga física e emocional. Sobrecarga esta provocada através de todas as necessidades que uma criança autista precisa para que auxiliem no seu desenvolvimento, podendo existir nessas crianças prejuízos principalmente, aliados a comunicação, a socialização e ao funcional, de acordo com o DSM-5 (2014) às características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário.

Entre as características que o autismo apresenta, até o diagnóstico ser realizado, inicialmente a família começa a perceber a pouca ou quase nenhuma socialização com outras pessoas, sejam familiares ou crianças da mesma idade, a relação da criança autista e o seu desenvolvimento familiar e meio social podem corroborar para um avanço ou prejuízo em seu desempenho igualitário com outros indivíduos.(BATISTA, 2015)

Há também a percepção frente a característica da comunicação, onde muitos autistas, podem apresentar ou uma dificuldade com a fala, ou um atraso, ou muitas vezes de início apresenta algumas palavras mas logo depois não falam mais nada, a dificuldade na comunicação ocorre em graus variados, tanto na habilidade verbal quanto na não verbal, manifestando pouca habilidade em compartilhar informações com outro, já outras têm uma linguagem imatura (DA SILVA; RIBEIRO, 2012). No entanto, quando trata-se da realidade de uma família monoparental, onde existe apenas um cuidador e neste caso, compreendendo o cuidador como alguém que não possui uma rede de apoio, ao descobrir o espectro autista no filho.

5 AUSÊNCIA DE REDE DE APOIO NA MATERNAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS

Para Santana (2014) a família é a expressão máxima da vida privada, espaço da intimidade, em que se constroem sentimentos, na qual se externa o sofrimento psíquico que a vida de todos nós põe e repõe, família esta que contribui diretamente em todo o desenvolvimento de uma criança, tendo ela autismo ou não, de forma que quando a criança apresenta um transtorno como o autismo o acompanhamento da rede de apoio fornece uma forte influência durante todo o desenvolvimento da criança.

Entretanto é perceptível que com o passar dos anos, novos modelos de famílias se formam, entre esses modelos encontra-se a família monoparental, sendo ela um modelo de família constituída por um cuidador e o/os filho/s, de acordo com Santana(2014) a família monoparental, que é composta pela figura do pai ou da mãe, e estes podem estar na condição de solteiros, separados, divorciados ou viúvos e sua prole.

Segundo Ferreira e Smeha (2018) algumas famílias monoparentais podem perpassar situações de dificuldade, enfrentando problemas inerentes à sua tipologia familiar, neste caso temos em tela a família monoparental feminina, sendo ela constituída pela mãe juntamente com os seus filhos, tratando-se neste contexto a família monoparental feminina, em que a responsabilidade enquanto provedora do lar encontra-se inteiramente na mãe. A figura da mãe-solo, por si só, é abrangente, permitindo a criação de muitas reflexões sobre o que estamos falando, pois ainda há muito a se refletir sobre esta diversidade de mulheres que por diferentes razões vivem a experiência de parentalidade solo (OLIVEIRA, 2020).

Para Fernandes (2022) Tais mulheres, denominadas atualmente de mães solo, cuidam de seus filhos sozinhas e é comum que tenham como consequência um grande estresse em suas vidas em decorrência da sobrecarga dos afazeres, problemas oriundos das questões

financeiras e dos momentos de solidão e abandono em que se encontram em relação às demais mulheres que possuem um parceiro ou uma parceira, ou que têm uma rede de apoio.

De acordo com Oliveira (2020) muitas dessas mães-solo, ao viverem a monoparentalidade, acabam tendo muitas dificuldades de seguir trabalhando sem uma rede de apoio, que varia muito a depender das condições socioeconômicas e culturais destas mulheres partindo da premissa na qual neste contexto estudado, essa mãe solo encontra-se sem rede de apoio, a mesma além de ter participação unilateral ativa na vida dos filhos, traz para si a sobrecarga financeira.

Tendo em vista, a maternidade como algo que modifica toda a realidade da mãe, sendo um momento transitório, como de acordo com Dalama (2022) a maternidade pode ter várias formas, você pode escolher fazer uma inseminação artificial, você pode ser mãe solo, pode ser casada, pode ser casada com outra mãe, permitindo neste caso o foco principal ao tratar-se de uma família monoparental, no qual é um momento de novas descobertas, tanto de si mesma quanto da criança que está sendo gerada, como também durante todo o processo de desenvolvimento do filho, até que este filho torne-se um adulto, a maternidade exercida pelas mães solo enfrenta desafios em todos os ambientes que a mãe, se propõe estar.

Ao observar em meio aos desafios que a mãe pode passar na maternagem, existe a probabilidade da descoberta de alguma atipicidade na criança, quando existe o diagnóstico do autismo em meio a uma família constituídas por um casal, ou que exista uma rede de apoio vinculada a mãe, a nova realidade se torna compartilhada com a rede de apoio onde desde o momento no qual a família recebe o diagnóstico sobre o filho com o espectro autista, permitindo a possibilidade de existir auxílio e apoio das pessoas que estão presentes na rede de apoio nessa nova etapa que se inicia. A partir do diagnóstico a família vai delinear suas necessidades e vai reorganizar suas situações de vida, e esta difícil experiência se alterna em momentos de aceitação, rejeição, esperança e angústia (MAIA FILHO, 2016).

Quando esse diagnóstico acontece, em uma família monoparental feminina, aliada a não existência de uma rede de apoio que auxilie a mãe da criança, inclina se a provocar uma sobrecarga na mãe de forma mais intensa, de acordo com Segeren e Françoço (2014) uma vez observadas diferenças no desenvolvimento da criança, os pais e familiares buscaram diferentes médicos e realizaram diversos exames até que ocorresse o diagnóstico do autismo, ou seja, partindo da premissa que a rede de apoio encontra-se auxiliando a família de forma integral, caso exista a necessidade a rede de apoio familiar estará compartilhando todos os desafios dessa nova realidade, juntamente com a mãe. Pois além da descoberta e da

necessidade de uma maior atenção no desenvolvimento da criança, também existe o lado do cuidador, neste caso tratando-se da mãe, que tem o seu desejo de filho perfeito frustrado.

Sobre o desejo do filho ideal não ser realizado, segundo Silva, Shineider, Santos e Silva (2018) a responsabilidade é colocada nessa criança, quando na maior parte das vezes, o ideal construído pela família é frustrado com chegada do diagnóstico positivo para o Transtorno do Espectro do Autismo, o sentimento de auto-realização que movia os pais é fortemente marcado por dor, tristeza e lamento, através dessa descoberta, pelo fato da perda do que antes se veria como ideal, pode ocorrer o desenvolvimento da teoria referente ao processo de luto.

De acordo com Ramos(2016) a definição de “Processo de Luto” é bastante complexa na medida em que cada pessoa o vivencia de forma diferente, mediante as culturas, o meio em que está inserida e o próprio contexto da perda, também influencia a forma como a pessoa vai encarar o luto, ou seja, o processo de luto não está relacionado apenas a morte, mas sim a todo processo que provoca uma perda de algo, podendo ser algo material, ou algo emocional.

No caso da mãe que tem o seu ideal de filho perdido, percebendo as diferenças entre o idealizado e o real, pode ter o processo de luto iniciado, para cada pessoa o processo de luto pode ser mais demorado ou mais curto, de acordo com a autora Kübler-Ross, que desenvolveu a sua teoria referente aos estágios do luto em 1969, dividiu os estágios do Luto em cinco, tendo em vista que os estágios podem ocorrer de formas não lineares e que alguns estágios podem demorar mais que outros, além do fato de que a depender do caso esses estágios podem durar a vida inteira, sendo eles: (1) Negação e Isolamento, (2) raiva, (3) Barganha, (4) Depressão, (5) Aceitação.

Para Kübler-Ross (2017) na negação, acaba funcionando como um pára-choque, depois de notícias inesperadas e chocantes deixando que o paciente se recupere com o tempo mobilizando outras medidas menos racionais; na raiva, é o estágio sobre quando não é mais possível manter o primeiro estágio, ele é substituído pelo sentimento de raiva, revolta ou inveja, surgindo através da lógica do porque eu? Após a raiva, a barganha serve como uma busca por outro meio de não ser real o diagnóstico, buscando uma outra vertente, ao entrar no estágio da depressão, a revolta e a raiva cedem um lugar para a perda e essa perda, provoca uma grande tristeza, por fim a aceitação, quando entende-se o processo da doença, buscando os melhores meios de tratá-la e conviver com ela. Dentre as consequências que os estágios do luto desenvolvidos através do sentimento de perda do filho idealizado, aliados ao sofrimento

que pode ser desenvolvido na monoparentalidade que não possui uma rede de apoio, os reflexos podem ser apresentados de forma mais complexa e mais acentuada.

6 REFLEXOS DA FALTA DE REDE DE APOIO NA SAÚDE MENTAL MATERNA

De acordo com Donelli, Henrich e Schaefer (2017) na relação mãe-filho, o comportamento do bebê não pode ser compreendido sem referências ao comportamento da mãe, pois juntos constituem um sistema adaptado para a construção da relação, percebendo o bebê enquanto uma extensão da mãe, ocorrendo assim um aumento na percepção da mãe, sobre as importâncias, de suas funções maternas que possibilitam o favorecimento no desenvolvimento da criança, ou não, de forma que cabe a mãe, principalmente devido essa relação de espelhamento de referências, neste caso tornando essa importância em relação às suas ações, ainda maior, pois enquanto família monoparental, a principal referência familiar que a criança tem é a mãe.

Pais e/ou cuidadores de crianças com o Transtorno do Espectro Autista geralmente convivem com altos níveis de estresse e sobrecarga física e mental. A mãe, sobretudo, a quem, socialmente, é designado o papel de cuidar, renuncia à carreira profissional, à vida social e às relações afetivas em prol dos cuidados maternos com o filho, que necessita de cuidados especiais (CARVALHO, 2019).

De acordo com Da Silva e Ribeiro (2012) isso pode resultar no isolamento social do cuidador, neste caso da mãe e no adoecimento emocional, com níveis altos de estresse e depressão. Acabando por haver uma sobrecarga nesta mãe pois, ao perceber-se sozinha com um filho autista, pode acabar abdicando totalmente de si mesma e do seu autocuidado para dedicar-se exclusivamente ao cuidado do filho.

Diante da desorganização psíquica dos pais e da desestruturação familiar que a notícia de uma atipicidade provoca, todos mudam severamente a sua rotina. Segundo Cunha (2021) os pais passam a experimentar grande sobrecarga física, uma vez que a condição atípica do filho exigirá deles lidar com demandas bem diferentes de uma criança típica. Onde através desses parâmetros, a sobrecarga, aumenta pois além da responsabilidade de criar sozinha o filho, alia-se a busca por meios que facilitem o desenvolvimento da criança, a mesma precisa também desenvolver meios de ensinar as pessoas sobre o autismo do filho, como também procura pelos direitos dos mesmos, que muitas vezes são desrespeitados.

Toda esta sobrecarga, física e mental, influenciam diretamente na saúde mental e biológica desta mulher, pois ao perceber a importância sobre o cuidado para o

desenvolvimento do filho acaba por, abdicar-se do seu autocuidado, permitindo que exista a tendência ao adoecimento, seja esse adoecimento físico ou que desenvolva prejuízo na saúde mental, vários estudos mencionam as demandas de cuidados intensivos diante das peculiaridades do transtorno que podem influenciar na adaptação familiar, levando algumas famílias a passarem por: (a) problemas conjugais; (b) percepção de sobrecarga de um dos membros; (c) estresse parental; (d) impacto nos irmãos; e (e) dificuldades financeiras e isolamento. Esses podem se caracterizar como fatores de risco para o adoecimento físico e prejuízos na saúde mental (FARO, 2019).

De Jesus (2021) discorre que o abandono paterno em caso de nascimento atípico encerra um conjunto de complicações no seio familiar. Para o filho é verificado prejuízos emocionais, traumas e sensação de exclusão, para a mãe, grande sobrecarga das atividades, além de estresse e redução significativa da qualidade de vida, ou seja, tratando-se das consequências referente a falta de apoio após a separação conjugal, a falta da paternidade aliada a maternidade, promove complicações não apenas na sobrecarga que a mãe passa a ter, buscando suprir as atividades tanto suas, quanto as do pai, como também prejuízos no desenvolvimento do filho.

Ao perceber a dificuldade no reconhecimento do que é feito pela mãe como também em tudo que ela abdica, de forma que agrava mais a sensação de sobrecarga, conforme Santos e Diniz (2018) a visão incongruente que têm de si mesmas quanto ao trabalho realizado, uma vez que esse trabalho é marcado pela desvalorização social, pela invisibilidade econômica de sua prática reprodutiva, pelo não reconhecimento tanto dos familiares quanto da sociedade, ou seja, a influência do reconhecimento e do auxílio da rede de apoio, se torna ainda mais significativa quanto a percepção sobre a validação do trabalho feito pela mãe através da maternagem.

Sobre o estresse parental em concordância com Da Silva, De Araujo e Vaz (2022) é percebido que o possível estresse parental gerado pelo TEA não depende exclusivamente do transtorno, mas também do acesso a rede de apoio, tratamento e informação, de forma que a falta da rede de apoio aliada à desinformação que muitas vezes, existe por pessoas que acabam de receber o diagnóstico do filho e nunca tiveram nenhuma familiaridade com o termo, desencadeia de forma mais expressiva o sofrimento que a sobrecarga trás.

Conforme Da Silva, De Araujo e Vaz (2022) verificou-se a importância de fatores de proteção à saúde física e mental das mães através das redes de apoio social, por onde é possível estabelecer relações de suporte com trocas de experiências e informações, acolhimento frente a inesperada realidade de ter um filho com condição específica.

Percebendo a importância da rede de apoio, tanto para mãe quanto para o filho com autismo, enquanto ela, a rede de apoio, uma instituição que é formada por um grupo de indivíduos, no qual transmite segurança, de forma a estarem disponíveis e dispostas a ajudar quando preciso, muitas vezes sendo através do contexto familiar que essa rede de apoio se torna significativa, a família é percebida como um sistema de relações contínuas interligadas, instituída por laços de parentesco e por uma rede de apoio social para a sua própria sobrevivência (PRATES; SCUMALFUSS; LIPINSKI, 2015).

Observando esses fatores relativos à rede de apoio que influenciam diretamente, na saúde e bem-estar durante a construção da maternidade e maternagem, a rede de apoio permite ser percebida enquanto elo que promove o vínculo familiar que transmite segurança, para as pessoas que estão envolvidas na mesma, dela fazem parte as pessoas que interagem regularmente com a mãe, podendo ser os familiares, os vizinhos, os amigos, os profissionais de saúde, os colegas de trabalho (CANIELES, 2014), através dela permitindo assim um elo onde o desenvolvimento torna-se mais facilitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebendo o quanto, a vivência social feminina se altera após a descoberta da gestação, com uma alteração ainda maior da sua rotina após o nascimento da criança, a mulher agora mãe, busca focar inteiramente no bem estar do filho, buscando significar essa total dedicação através do amor materno, que existe através da maternagem, assim o desejo de cuidar e do bem estar, encontra-se tão intenso, que muitas vezes a mãe esquece de si, permitindo que o filho seja a principal prioridade em sua vida.

Através da premissa que, o desenvolvimento da criança com autismo, a depender do diagnóstico, por vezes apresenta uma maior dificuldade nas execuções de atividades diárias, tratando-se desde a socialização, como também a alimentação, e a depender do caso, até dificuldades com a fala, de forma que esta criança necessita de uma maior atenção, quando trata-se de um ambiente envolvido em uma rede de apoio, na qual existem tanto familiares, quanto profissionais que facilitem esse desenvolvimento, é perceptível a influência que essa rede exerce, também na questão da sobrecarga materna, pois quando a mãe percebe que possui o auxílio para a criação e desenvolvimento do filho, a mesma sente-se mais segura, quanto ao presente e ao futuro do filho, permitindo assim que busque cuidar também de si mesma.

Através do autocuidado, a tendência ao adoecimento diminui, de forma que a mesma também consiga favorecer tanto para si, quanto para o filho, um ambiente mais adequado, de forma que o desenvolvimento da criança ocorra de forma mais linear, como também que a maternagem seja o que se propõe a ser, uma função voltada ao amor e ao cuidado do filho. Assim a necessidade da rede de apoio é excepcional, pois quando sozinha a mãe, esquece de si mesma e volta-se exclusivamente para o filho, entretanto, antes de ser mãe, ela é mulher e o autocuidado feminino precisa continuar, pois ao cuidar do outro da melhor forma possível primeiramente é necessário cuidar de si mesma.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.
- ANDRADE, Fernanda Maria Ribeiro Ramos de. **O luto do filho idealizado: pais da criança com síndrome de down**. 2015. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4467/1/18716.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.
- BATISTA, Jheny da Costa. **Inclusão de crianças autistas no ensino regular: um estudo no município de Natal/RN**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/36117/2/JhenyCB_Monografia.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.
- BERNARDI, Maria Martha; KIRSTEN, Thiago Berti; TRINDADE, Márcio Oliveira. Sobre o Autismo, Neuroinflamação e Modelos Animais para o Estudo de Autismo: Uma Revisão. **Revista Neurociências**, v. 20, n. 1, p. 117-127, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8304/5837>. Acesso em: 26 out. 2022.
- BRAGA, Maria da Graça Reis. **Maternidade e tecnologias de procriação: o feminino na contemporaneidade**. 247 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/140/1/Maria%20braga.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.
- CARVALHO, Marcos et al. Através do espectro redes de apoio social na vivência da maternidade atípica. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31100>. Acesso em: 02 nov. 2022.
- CALZAVARA, Maria Gláucia Pires; FERREIRA, Monique Aparecida Vale. A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 3, p. 432-444, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/155411/158891>. Acesso em: 04 out. 2022.
- CANIELES, Inajara Mirapalhete *et al.* Rede de apoio à mulher mastectomizada. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 450-458, 2014. DOI: 10.5902/2179769210790. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/10790/pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.
- CUNHA, Ana Cristina Barros *et al.* Sobrecarga emocional ante a malformação congênita e o enfrentamento de cuidadoras. **Revista Psicologia e Saúde**, p. 141-155, 2021. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/686/1203>. Acesso em: 02 nov. 2022.
- DALAMA, Luna Gonçalves. **REDES DE APOIO ONLINE: como as mídias e redes sociais têm contribuído para reduzir a carga mental de mães durante a pandemia**. 2022. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2022/05/tcclunadalama_rededeapoioonline_versao_final.pdf. Acesso em: 10 dez. 2022
- DA SILVA, Sâmia Oliveira; DE ARAÚJO, Monique Cristini; VAZ, Beatriz Gomes. Transtorno do Espectro Autista: Repercussões do Diagnóstico na Sobrecarga Materna. **Anais de Iniciação Científica**, v. 19, n. 19, 2022. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/IC/article/view/2416/1652>. Acesso em: 11 nov. 2022.

DA SILVA, Eliene Batista Alves; RIBEIRO, Maysa Ferreira M. Aprendendo a ser mãe de uma criança autista. **Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 39, n. 4, p. 579-589, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2670/1632> . Acesso em: 30 out. 2022.

DE JESUS, Paulo Santos. Transtorno do espectro autista e parentalidade atípica no filme Farol das Orcas (2017). **Revista Direito no Cinema**, v. 3, n. 2, p. 67-84, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/direitonocinema/article/view/12725>. Acesso em: 09 nov. 2022.

DE SOUZA, Jéssica Horácio. As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/16529/13006>. Acesso em: 07 nov. 2022.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 29 set. 2022.

DONELLI, Tagma Marina; HENRICH, Stela Maris; SCHAEFER, Márcia Pinheiro. **Vivências da maternidade e da relação mãe-bebê no primeiro ano de vida do bebê prematuro**. Barbarói, p. 71-93, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/7376>. Acesso em: 02 nov. 2022.

FARO, Kátia Carvalho Amaral *et al.* Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico**, v. 50, n. 2, p. e30080-e30080, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/30080/pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

FAVERO-NUNES, Maria Angela; SANTOS, Manoel Antônio dos. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 23, p. 208-221, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/vVtDrCv9KPghYxdhZsv5H8d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 0 nov. 2022.

FERNANDES, Priscila da Silva. **Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo**. 2022. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/234377/fernandes_ps_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 09 nov. 2022.

FERREIRA, Marilise; SMEHA, Luciane Najar. A experiência de ser mãe de um filho com autismo no contexto da monoparentalidade. **Psicologia em revista**, v. 24, n. 2, p. 462-481, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/9303/14043>. Acesso em: 09 nov. 2022.

FREITAG, Vera Lucia; MILBRATH, Viviane Marten; MOTTA, Maria da Graça Corso da. Tornar-se mãe de uma criança com paralisia cerebral: sentimentos vivenciados. **Psicologia em Estudo**, v. 25, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/JZSf74mx5YBVDj9WmBM9ZxO/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 02 nov. 2022

GARCIA, Carla Fernandes; VIECILI, Juliane. Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher. **Fractal: Revista de Psicologia [online]**, v. 30, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/4zVSP8j3SKn9Rf9TtNvzWzn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2022.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. **Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade**. Pensando nas famílias, v. 18, n. 1, p. 55-62, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

HEUSER, Carla Beatriz Dreher. **A concepção psicanalítica e a clínica infantil**. 2016. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/3421/MONOGRAFIA%20CARLA%20HEUSER.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 out. 2022.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. WWF Martins Fontes, 2017. Disponível em: <https://ler-livros.com/ler-online-ebook-pdf-sobre-a-morte-e-o-morrer-o-que-os-doentes-terminais-tem-para-ensinar-a-medicos-enfermeiras-religiosos-e-aos-seus-proprios-parentes-baixar-resumo/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LIMA, Jhonatan Correia et al. Luto pelo filho idealizado: Pais de crianças com TEA. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 7, n. 3, 2021. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/636/303>. Acesso em: 24 out. 2022.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. **Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres**. Saúde em Debate, v. 43, p. 1120-1131, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gNVpQTvHSW8GhbJfbsNv8K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2022.

MAIA FILHO, Antônio Luiz Martins et al. **A importância da família no cuidado da criança autista/The importance of the family in the care of autistic children**. Saúde em Foco, v. 3, n. 1, p. 66-83, 2016. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/saudeemfoco/article/view/719>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MAIA, Fernanda Alves et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 24, p. 228-234, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/n6ZpCNpT9cSjLWVxVvVrYMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2022.

MALUF, Vera Maria Daher; KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea. **Polêm! ca**, v. 9, n. 3, p. 170-180, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2803/1917>. Acesso em: 07 nov. 2022.

MENDES, Talita; VENOSA, Bárbara. **Dispositivos de poder e processos de estigmatização: culpabilização, sofrimento e prestação de contas em narrativas sobre ser mãe de uma criança com dislexia**. Veredas-Revista de Estudos Linguísticos, v. 25, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/33688>. Acesso em: 29 set. 2022.

MUNARETTO, Lorimar Francisco; CORRÊA, Hamilton Luiz; DA CUNHA, Júlio Araújo Carneiro. Um estudo sobre as características do método Delphi e de grupo focal, como técnicas na obtenção de dados em pesquisas exploratórias. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 6, n. 1, p. 9-24, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2734/273428927002.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida; RIO, Susana Carolina Moreira Martins do. Família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, v. 5,

n. 1, p. 16-21, 2011. Disponível

em: <https://pdfs.semanticscholar.org/55a7/3536cf42c6bcc7d309d5faa51cebd3d88a96.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

DE OLIVEIRA, Anita Loureiro. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 11 dez. 2022.

PRATES, Lisie Alende; SCHMALFUSS, Joice Moreira; LIPINSKI, Jussara Mendes. Rede de apoio social de puérperas na prática da amamentação. **Escola Anna Nery**, v. 19, p. 310-315, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/mK9rgcTD9PbtsDWHNqVTJJC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2022.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. **Revista Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SANTANA, Edith Licia Ferreira Felisberto. Família Monoparental Feminina: Fenômeno da Contemporaneidade?. **POLÊM! CA**, v. 13, n. 2, p. 1225-1236, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10618/8517>. Acesso em: 30 out. 2022.

SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. **Psicologia Clínica**, v. 30, n. 1, p. 37-59, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2910/291057851003/291057851003.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

SANTOS, Luana Carola dos *et al.* Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: Análise da revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). **Psicologia & Sociedade**, v. 28, p. 589-603, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bwMy6Y7g6GsO9GX979kyVWn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2022.

SEGEREN, Leticia; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, p. 39-46, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/gwxcysmPLNgcMXsc7cf6cb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2022.

SILVA, Eudiane Pereira Castro da. **Os impactos do diagnóstico do transtorno do espectro autista na família**. 2021. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/bitstream/areas/623/1/EUDIANE%20PEREIRA%20CASTRO%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

SILVA, Andréia Artur dos Santos da *et al.* O impacto que ocorre nas famílias após o diagnóstico do transtorno do espectro autista na criança: o luto pelo filho idealizado. **Revista Dissertar**, v. 1, n. 28 e 29, p. 44 - 55, 18 maio de 2018. Disponível em: <http://www.revistadissertar.adesa.com.br/index.php/revistadissertar/article/view/5/5>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo**. *Psicologia em estudo*, v. 16, p. 43-50, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/OypM8WrpBcGX9LnfvgqWpK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2022.

STELLIN, Regina Maria Ramos *et al.* Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. **Estilos da clínica**, v. 16, n. 1, p. 170-185, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46113>. Acesso em: 04 out. 2022

VISINTIN, Carlos Del Negro; SCHULTE, Andréia de Almeida; AIELLO-VAISBERG, Tania Maria José. “**Meus hormônios me enlouquecem**”: investigação psicanalítica com mommy blogs brasileiros. *Psicologia USP*, v. 32, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/LHcqPcvwZhWdch6zLCspFyR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.